

## RUPTURAS NA ESQUERDA BRASILEIRA: A HISTÓRIA DA POLOP NA CLANDESTINIDADE DA DITADURA CIVIL-MILITAR

**Lineker Oliveira Noberto da Silva**

Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [lineker.noberto@yahoo.com.br](mailto:lineker.noberto@yahoo.com.br)

**Eurelino Teixeira Coelho Neto**

Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [eurecoelho@gmail.com](mailto:eurecoelho@gmail.com)

Palavras chave: POLOP; cisões; esquerda.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende investigar a história das cisões pela qual passou a Organização Revolucionária Marxista Política Operária (ORM-PO), entre 1961, ano de sua fundação, ao início dos anos 80, quando se dissolveu dentro do recém-fundado Partido dos Trabalhadores (PT).

Também conhecida por POLOP ou PO, siglas de *Política Operária*, jornal que a ORM-PO passaria a editar. Esta organização foi resultado de uma série de debates e articulações entre quadros políticos e intelectuais marxistas que então militavam em pequenas organizações políticas, como: a *Juventude do Partido Socialista Brasileiro* (PSB), a *Mocidade Trabalhista* de Minas Gerais e a *Liga Socialista Independente* (LSI). Que partindo das mais variadas referências teóricas, como Rosa Luxemburgo, Lênin, Trotsky, August Brandler, Ernest Talheimer, entre outros, consolidaram em Jundiaí/SP em 1961, o I Congresso da Organização Revolucionária Marxista Política Operária.

A POLOP surge como proposta de formação de uma nova organização que tivesse origem na classe operária brasileira e que realmente a representasse. Assim, a POLOP propunha uma alternativa ao PCB, haja vista que em sua opinião, o PCB falhará na sua tentativa de se tornar o partido independente da classe operária. Sendo assim, a POLOP condenava a política de colaboração de classes, na época comandada tanto pelo Partido Comunista, como pelo PSB e PTB. E reconhecia o papel da classe operária como força aglutinadora de uma frente dos trabalhadores da cidade e do campo, em busca da formulação de um verdadeiro projeto socialista para o Brasil, que defendesse uma única revolução, e essa de caráter socialista. Constituindo assim um posicionamento contrário à posição majoritária do PCB sobre a revolução por etapas, pela qual o Brasil deveria passar até uma revolução socialista. A POLOP acreditava que o Brasil já era um país capitalista, e por isso, não precisava de uma etapa democrático-nacional-burguesa, na qual apostava o Partido Comunista do Brasil.

Em 1967 – durante o seu quarto Congresso – a POLOP acaba tendo o seu primeiro grande “racha”. Grupos majoritários em Minas Gerais e São Paulo divergiram da posição da direção a respeito da questão da luta armada. Este racha de 1967, que dividiu a POLOP, deu origem a novas organizações que atuavam na luta armada explícita. Como o Comando de Libertação nacional (COLINA), e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

O grupo que permaneceu na POLOP procurou articular-se com dissidências do PCB em algumas regiões do país. Nascendo deste esforço o Partido Operário Comunista

(POC). Foi através do POC que militantes da “velha” ORM-PO chegaram a ter certa participação nas famosas greves de 1968, em Contagem e, principalmente, Osasco.

No entanto, no interior do POC reapareceram divergências programáticas intensas, resultando em um novo fracionamento. Parte do POC aprovaria resoluções em uma Conferência de São Paulo, em março de 1970, que se tornariam inconciliáveis com os posicionamentos de outro conjunto de militantes hegemônicos pelos fundadores da ORM-PO, que acreditando não ser mais possível manter a unidade organizativa, se retiraram do POC, voltando a se rearticular em 1971, dando origem assim, a Organização de Combate Marxista-Leninista – Política Operária (OCML-PO), conhecida entre os militantes como a “nova POLOP”. Pouco tempo depois da rearticulação, a OCML-PO perderia novos militantes com a formação da Fração Bolchevique, que depois de resistirem às perseguições armadas do Estado brasileiro, concretizariam, em 1976, a formação do MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado).

Já na segunda metade dos anos 70, emergiram de dentro da OCML-PO, novas discussões que resultariam em novas dissidências. Os debates que eram frutos da abertura, “lenta, segura e gradual”, protagonizada pelo governo do General Geisel, circulavam em torno da necessidade, ou não, das esquerdas, em participar do jogo institucional que se abria, apesar das restrições vigentes. Se, deveriam, ou não, assumir candidaturas nas próximas eleições, ou seja, discutia-se se as organizações de esquerda deveriam explorar todas as possibilidades - mesmo que mínimas - oferecidas pelas margens legais que eram concedidas pelos militares neste momento de eventual transição democrática ao qual passaria a sociedade brasileira. Era necessário debater e dar respostas á questões que envolviam o papel da democracia nas lutas de classe daquele novo contexto, e do papel que assumia, ou deveria assumir, o único partido de oposição legalmente reconhecido pelo regime político civil/militar: o MDB.

A partir dos anos de 1980 começa a engendrar por parte de militantes uma tentativa de rearticulação da organização, que em 1981, completava vinte anos de história. Passadas duas décadas deste o seu surgimento, a POLOP encontraria no Partido dos Trabalhadores (PT), um espaço para dissolver-se lentamente nos primeiros anos 80. Sobre sua “incerta hora da morte”, esta pesquisa não possui ainda, data exata, o artigo de Daniel Aarão sobre a POLOP, indica o ano de 1986, já Leovegildo Leal afirma que “a organização manteve uma prática estruturada até 1984” (LEAL, 1992). Entretanto, o que nos interessa de antemão, é saber que a POLOP dissolveu-se em um contexto de ascendência das lutas de classe no Brasil, demonstrada pelas grandes greves operárias que ocorreram no interior de São Paulo no fim dos anos 70, e da formação do PT e da CUT no início dos anos 80.

Esta pesquisa enfrentou a todo o momento um grande problema referente à *genealogia da POLOP*, buscando um resultado sobre a problemática que envolve o fio de continuidade que une a organização fundada em 1961, àquela que, desagregava-se “lentamente no interior do PT, fagocitada, como tantas outras vanguardas, que imaginaram fazer do partido que nasceu no início dos anos 80, um campo de influência, de crescimento e afirmação” (REIS FILHO, 1994). Não pode se deixar de lado à compreensão de que há importantes diferenças na composição da ORM-PO em comparação a OCML-PO, causada pela perda de vários dirigentes devido aos seus “rachas”, como o de 1967.

Enfrentamos a todo o momento durante a pesquisa, um grande problema referente à genealogia da POLOP, chegando a um resultado sobre a problemática que envolve o fio de continuidade que une a organização fundada em 1961 àquela reorganizada em 1971 e extinta nos anos de 1980, isto é, a ORM-PO e a OCML-PO.

Não podemos deixar de perceber que há importantes diferenças na composição da ORM-PO em comparação a OCML-PO, causada pela perda de vários dirigentes devido aos seus “rachas”, como o de 1967.

Isto se tornou uma problemática, visto o valor que a bibliografia produzida sobre a POLOP dava a sua trajetória. O historiador Marcelo Badaró discute a trajetória da POLOP até 1967, justificando sua escolha através da valorização que deu as diferenças da ORM e a OCML, já que, de acordo com o historiador, a OCML “já não poderia guardar senão alguns paralelos com a POLOP original” (MATTOS, 2002, p.186), Joelma Oliveira (OLIVEIRA, 2007) também opta por trabalhar apenas com a “primeira fase da POLOP” até o grande “racha” de 1967. Daniel Aarão (REIS FILHO, 2007) ignora o problema, mesmo falando da existência de toda a organização até os anos 80, passando pelos suas cisões e dissidências. E Leovegildo Leal (LEAL, 1992) nem mesmo toca no assunto, ignora os cismas da POLOP, por está mais preocupado com a disputa em torno do marxismo da organização, que para o autor, é mais marxista do que as outras organizações revolucionárias brasileiras que se diziam marxistas.

No entanto, a permanência do nome *Política Operária*, e de dirigentes e grupos locais que não se desligaram, inclusive, de Eric Sachs, tido por muitos trabalhos acadêmicos e ex-militantes da organização, como principal teórico da POLOP, além da persistência de alguns eixos teórico-programáticos, fizeram com que esta questão fosse propulsora do problema que norteia nossa investigação.

## METODOLOGIA

Tal estudo pressupõe a análise sobre uma organização política, embarcando assim, no que Gramsci chamará de partido. Pois para Gramsci, não seria necessária ação política, em sentido estrito, para que se possa falar em partido político, sendo que, o papel do partido político é elaborar sua intelectualidade organicamente, prepará-la para a execução de funções necessárias a sua classe social, transformando seus componentes em políticos qualificados, dirigentes e organizadores dos partidos, que, por sua vez, são entidades dedicadas à formação, desenvolvimento e qualificação de novos intelectuais.

De acordo com a visão de Gramsci (que também é a nossa), a história de um partido não é apenas a “narração da vida interna de uma organização política, de como ela nasce, dos primeiros grupos que a constituem, das polêmicas ideológicas através das quais se forma o seu programa e sua concepção do mundo e da vida”(GRAMSCI, 2007, p.87). A história de um partido deve ser mais abrangente, deve ser levada em consideração também, o que acontece fora do partido, visto que, tais relações (externas ao partido) podem afeta-lo internamente de alguma forma. Por isso, Gramsci acredita que “escrever a história de um partido significa nada mais do que escrever a história geral de um país a partir de um ponto de vista monográfico, pondo em destaque seu aspecto característico”(GRAMSCI, 2007, p.87). Por isso, não pretendemos durante a nossa investigação, analisar apenas os projetos políticos e documentos da POLOP, ou seja, apenas as suas discussões internas, mas também a sua relação com outras organizações da época e principalmente suas relações com o andamento da luta de classes.

Isto logicamente não nos impede de perceber a importância da vida interna da POLOP, já que é principalmente dela que tiraremos nossos resultados finais, visto que, procuramos as suas discussões internas, para enxergar melhor, de onde vieram suas cisões. Por isso fazem-se necessárias as fontes que existem no acervo do Laboratório de

História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (LABELU), da UEFS. Estas fontes são imprescindíveis para a pesquisa, já que os documentos permitem acompanhar “por dentro” a história das cisões da POLOP, nos dando um acesso privilegiado aos debates internos da organização.

## DISCUSSÃO

As primeiras respostas confirmaram nossas hipóteses iniciais sobre o surgimento da POLOP. As próximas respostas só poderão ser alcançadas através da análise documental que ainda se mantém escassa. No entanto, aparentam confirmar as hipóteses que havíamos formulado no plano de trabalho e que ainda sustentamos. As cisões da POLOP ocorreram graças à pressão que o regime civil/militar brasileiro impôs as organizações de esquerda. E o debate interno sobre a possibilidade de programar a luta armada foi primordial para os primeiros rachas da POLOP. Estas são as hipóteses sustentadas até aqui, e que necessitam de investigação histórica.

## REFERÊNCIAS

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. V. 3. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967). In: RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*, vol. V. Campinas, Edunicamp, 2002, PP. 185-212, p. 186.

LEAL, Leovegildo P. *Política Operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira*. Dissertação de Mestrado de História. UFF. Niterói, 1992.

OLIVEIRA, Joelma Alves de. *POLOP: As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UNESP. Araraquara, 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – POLOP (1961-1986). In: REIS FILHO, D. A. e FERREIRA, J. *Revolução e Democracia. 1964...* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Ernesto Martins: Um revolucionário. In: MEYER, Victor, MIRANDA, Orlando e SADER, Emir (orgs). *Andar com os Próprios Pés: Discutindo uma estratégia de ação para os trabalhadores*. Coletânea de textos de Eric Sachs (Ernesto Martins). Belo Horizonte: SEGRAC, 1994.